



## Uma crítica para enfrentar os poderes que nos querem aprisionar

Em um tempo em que as inúmeras **guerras** travadas pelo mundo afora matam mais do que nunca; em que, como aponta Butler, a **morte** mais se assemelha a um programa televisivo, coordenada por controle remoto; em que os diversos **fundamentalismos**, dentre eles, e o pior, o religioso, (des)fazem fronteiras territoriais, incendeiam templos de religiões de matriz afro-brasileira e perigosamente têm por refém o Congresso Nacional Brasileiro, é pertinente, e profundamente imperativo, que reflitamos sobre e (re)elaboremos estratégias políticas capazes de enfrentar esses inimigos da *vida vivível*, tornando possível, conforme mais uma vez afirma Butler, que “os corpos se movam livremente dentro de uma democracia”. E para que os corpos se movam livremente, para que eles ocupem os espaços e possam (re)existir, a branquitude, a heteronormatividade, os fundamentalismos, o capacitismo, e por que não dizer o capitalismo, tomados aqui como *regimes políticos e epistemológicos de governação da vida*, devem ser destituídos por meio da ação crítica.

Todos os textos reunidos neste Quarto Número, nomeado *Guerrilha de linguagem: re(ex)sistência cultural e subversão dos regimes de poder*, atacam, de frente, esses regimes de poder, começando pelo artigo “**Um cu muito bonito, o da bicha**”: **notas de uma escritura queer em João Gilberto Noll**, texto no qual a autora Mayana Rocha Soares coloca em questão a potência do cu, nos escritos literários de João Gilberto Noll, tomando-o como forma de desestabilização das normalidades. O artigo nomeia os textos de Noll como anárquicos, subversivos, queer. Ainda sobre o cu, o artigo **Apontamentos anal-lisadores: corpos travestis, tempos e subjetivadas compreensões do cu**, de Adriana Sales e Wiliam Siqueira Peres, também nele aposta como forma de problematização do normal.

Já em “**Dá trabalho ser autêntica?**”: **um estudo da performatividade nos corpos transgênero de Almodóvar**, Manoel Rufino David de Oliveira apresenta a performance como forma de contestar as identidades de gênero normativas por meio da análise de alguns filmes de Almodóvar e de suas personagens transgêneras. E em **André Gide e o discurso imoralista**,

de Juan David González Betancur, há a conceituação da imoralidade em algumas obras do autor francês André Gide.

No artigo **O corpo que dança e a construção da poética Drag King: um tango-ação**, as práticas sexuais dissidentes implicadas nas oficinas e encenações Drag King são postas em cena e apresentadas enquanto poderosa ferramenta de desnudamento do gênero pelas autoras Patrícia Lessa e Eliane Tortola. Em **Entre o visual, o musical e o escrito: poéticas das divergências**, a arte é tomada como forma de ressignificação de categorias identitárias e sexuais. O diferencial do artigo, assinado por Rosa Maria Blanca, Cheyenne Luge, Marília Jeffman e William da Silva, coordenadora e integrantes do GEDESA - Grupo de Pesquisa de (Des)Configurações e Subjetivações em Artes Visuais da UFSM, é que analisa linguagens visuais e sonoras de maneira criativa e perspicaz.

O *transfeminicídio*, tema que recentemente passou a ocupar as pessoas pesquisadoras no Brasil, é analisado em **Expressividades e resistências: o corpo em decreto de morte na performance dízimo**, de Makcion Müller Rodrigues Leite. Nesse artigo, o *transfeminicídio* é problematizado por meio de uma performance.

Em **Identidades estratégicas e a arte da América Latina**, há um potente esforço das pesquisadoras Bárbara Ahouagi e Melissa Rocha por descolonizar e resistir às epistemologias ainda coloniais desde o Sul Global, conceito este que guarda relação muito mais com uma posição desprivilegiada no cenário de circulação de bens culturais, sociais e econômicos do que com o estritamente geográfico.

A memória LGBT também tem lugar neste Dossiê no artigo **Imorais e subversivos: censura a lgfts durante a ditadura militar no brasil**, da arquivista e historiadora Jacqueline Ribeiro Cabral, o qual mostra como as pessoas dissidentes de gênero e de sexualidade foram representadas durante a Ditadura Militar. A pesquisa, extensa, foi realizada nos arquivos do Arquivo Nacional.

E, por fim, padrões corporais que fogem ao que os regimes de poder violentamente impõem a todas as pessoas como *normal*, *bonito* e, sobretudo, como *saudável*, são postos à prova por Júnior Ratts em **Enunciados sobre um corpo-pornô negro e deficiente: o diferente que subverte ou a diferença que reproduz discursos normativos?.** Por meio de



uma arguta análise, o texto questiona se o corpo *diferente* reproduziria ou desconstruiria discursos normativos sobre deficiência e racialidade.

Pretendemos com este Dossiê, e na esteira de Foucault, que as análises críticas aqui oferecidas sejam tomadas como *ferramentas*, capazes, assim esperamos, de enfraquecer as ordens normativas e regulatórias que tanto insistem em nos assujeitar, limitando, ao fim, as possibilidades de circulação dos corpos. Os discursos críticos presentes no Dossiê demonstram que o pensamento desconstrutor, indisciplinado, subversivo não cedeu às investidas das forças que nos querem aprisionar, nos fazer menores.

Desejamos uma leitura travesti, negra, deficiente, gorda, torta. Que os textos aqui reunidos fortaleçam seu arsenal crítico e funcionem, como deseja Monique Wittig, cuja foto ilustra a capa desta edição, como verdadeiras máquinas de guerra. Afinal de contas, viemos para *causar*.

Carlos Henrique Lucas Lima

Anselmo Peres Alós

Organizadores do dossiê

